

## “Ato-desato” ou sobre desenhar em primeira pessoa Por Sofia Lucchesi

Texto curatorial na exposição “Ato-desato”, individual de Clara Moreira  
Galeria Amparo 60  
Recife, junho 2021

Entre o atado e o desatado, uma ação oculta. Entre o lápis e o papel, uma outra coisa.

Na obra que carrega o título-mote desta exposição, observamos dois momentos: um primeiro, onde as fitas que saem do peito tocam-se num nó que as selam, e um segundo, em que, apartadas umas das outras, desfazem os intrincamentos que as prendem. Ali, entre uma imagem e outra, existe uma lacuna, um segredo não revelado ou simplesmente a ação que não podemos ver, mas que emerge em palavras no título dado pela artista: *Ato-desato*.

Esse mesmo entre-tempo oculto está presente no fazer do desenho de Clara Moreira. Entre a imagem mental previamente rabiscada na cabeça e o momento em que o lápis toca o papel, parece haver um lapso, um momento de quebra. Lança-se, então, a pergunta: quando um desenho começa a existir? Seria quando o lápis toca o papel? Seria antes, como ideia imaginada? Ou apenas quando um artista declara sua finalização?

Há ainda uma outra formulação para essa dúvida: um desenho só pode existir quando os olhos do outro pousam sobre a imagem desenhada, quando é entregue ao mundo e às subjetividades de novos sujeitos. Esse desejo latente de se comunicar persiste na poética de Clara Moreira, relevando-se nesta exposição em fios que interligam um elemento a outro ou que simplesmente se fundem. Como os elos ora encontrados, ora perdidos numa conversa ou numa relação, é justamente a fragilidade inerente à tentativa de comunicação que está exposta.

A vontade de se conectar ao outro surge não somente de maneira mais óbvia, nas ações em dupla ou em grupo em seus desenhos, pois é expressa também nos títulos de suas obras e nas falas do vídeo presente nesta mostra, escritos em primeira pessoa. *Fala comigo, Ouço minhas lágrimas, Respiro minhas lágrimas...* Clara não apenas escreve em primeira pessoa, mas desenha em primeira pessoa. É assim, então, que expõe a vulnerabilidade do fazer artístico e de seu lugar no mundo enquanto artista, ao desenhar-se desenhando um desenho que desenha – aqui parafraseando suas palavras no vídeo *Diário para um desenho no espelho*.

Voltando o olhar para si – tanto de maneira metafórica quanto literal, já que muitos dos seus trabalhos de pesquisa com o corpo derivam de consultas ao espelho, – Clara desenha em tom confessional, descortinando os véus da própria intimidade, e propõe um diálogo aberto. É a partir daí, então, que o sujeito singular – (eu) *Ato-desato*, (eu) *Escuto minhas lágrimas* – pode se tornar um coletivo: (somos) *Muitas*.

Atando e desatando os nós que conectam ou que aprisionam, o desenho se manifesta nesta exposição como catalisador de diálogos. Sigamos, então, conversando.

## ***“Tie-Untie” or about drawing in first person***

by Sofia Lucchesi

\*Curatorial text for the exhibition “Tie-Untie”, held at Amparo 60 Gallery

Between the tied and the untied, a hidden action. Between pencil and paper, something else.

In the work that carries the title-motto of this exhibition, we observe two moments: the first one, when the ribbons that come out of the chest touch in a knot that seals them, and the second one, in which, separated from each other, they undo the [intricacies](#) that hold them together. There, between one image and the other, there is a gap, an unrevealed secret or simply the action that we cannot see, but that emerges in words in the title given by the artist: Tie-untie.

This same hidden in-between time is present in Clara Moreira's drawing. Between the mental image previously sketched in the head and the moment when the pencil touches the paper, there seems to be a lapse, a moment of break. The question then arises: when does a drawing begin to exist? Is it when the pencil touches the paper? Is it before, as an imagined idea? Or just when an artist declares its completion?

There is yet another formulation for this question: a drawing can only exist when the eyes of the other rest on the drawn image, when it is delivered to the world and to the subjectivities of other individuals. This latent desire to communicate persists in Clara Moreira's poetics, revealing itself in this exhibition in threads that interconnect one element to another or that simply merge. Like the bonds sometimes found, sometimes lost in a conversation or in a relationship, it is precisely the inherent fragility of the attempt to communicate that is being exposed.

The desire to connect to the other appears not only in a more obvious way, in the actions in pairs or in groups in her drawings, as it is also expressed in the titles of her works and in her words in the video that is part of this show, written in first person. “Fala comigo” [Talk to me], “Ouço minhas lágrimas, respiro minhas lágrimas” [I hear my tears, I breathe my tears]... Clara doesn't just write in first person, but draws in first person. This is how she exposes the vulnerability of the artistic work and her place in the world as an artist, by drawing herself doing a drawing that draws – to paraphrase her words in the video “Diário para um desenho no espelho” [Diary for a drawing in the mirror].

Turning the gaze to herself – both metaphorically and literally, since many of her works that investigate the body come from consultations in the mirror – Clara draws in a confessional tone, unveiling her own intimacy, and proposes an open dialogue. It is from there, then, that the singular subject – (I) *Tie-untie*, *I Listen to my tears* – can become plural: (we are) *Many*.

Tying and untying the knots that connect or imprison, the drawing manifests itself in this exhibition as a catalyst for dialogues. So let's keep talking.